

A
CONQUISTA DO
Conde



DEBORAH STROUGO

A
CONQUISTA DO
Conde

 editora
coerência

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021
Copyright © Deborah Strougo, 2018

*Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.
Publicado mediante acordo com Increasy Consultoria Literária.*

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

PREPARAÇÃO
Raquel Escobar

REVISÃO
Amanda Werneck

CAPA
Carol Palomo

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Strougo, Deborah
A conquista do conde / Deborah Strougo. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-87068-21-3

1. Ficção brasileira 2. Romance de época I. Título

CDD: 869.3



São Paulo

Avenida Paulista, 326,

cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

www.editoracoerencia.com.br

The greatest thing you'll ever learn is just to love and be loved in return.

— Moulin Rouge



Prólogo

Não era uma manhã especial de sábado. Tampouco era um dia diferente de qualquer forma. O azul de sempre cobria o céu com poucas nuvens; a brisa trazia o frescor comum à primavera. E Nicolas Duarte, filho do Conde de Valença, ainda estava na cama, dormindo tranquilamente após uma agitada noite no bordel da cidade.

Uma boa dose de uísque, uma mesa de jogos e uma mulher com curvas delgadas eram tudo o que Nicolas dizia precisar. E, de fato, ele acreditava estar certo em suas convicções.

Mas quem poderia contrariá-lo? Ele tinha uma vida invejável, sem preocupações. Seu pai provia tudo do que pudesse necessitar para viver. Tinha dinheiro, uma casa própria confortável — ainda que pequena — e ninguém para o perturbar. O conde nunca tivera tempo ou mesmo paciência para o herdeiro. Ele tinha muito mais o que fazer do que cumprir o papel de pai. Por isso, depois que a esposa falecera no parto, decidira deixar o menino aos cuidados de tutoras e governantas, que não permaneciam por muito tempo devido ao temperamento irônico e travesso do pequeno Nicolas.

O menino, no entanto, buscava a companhia do patriarca sempre que possível, terminando quase sempre com a porta fechada em sua cara. Decidido a não desistir, todos os dias Nicolas buscava aproximação com o pai e todas as vezes recebia o mesmo tratamento, até que descobriu que deveria tentar atrair a atenção dele de outra maneira, e as travessuras começaram. Mesmo que uma bronca e um puxão de orelha fossem tudo o que recebesse de seu progenitor, ainda assim parecia melhor do que nada.

Porém, quando atingiu a idade de doze anos e a governanta da casa se foi após ter o cabelo encharcado por uma mistura gosmenta de farinha e água, o patriarca da família não pensou duas vezes antes de mandar o filho para um internato bem longe dali. Longe o suficiente para que nem mesmo se lembrasse de que tinha um filho. Longe o suficiente para que o homem que Nicolas se tornara, um perfeito libertino despreocupado, não o incomodasse com sua presença e comentários debochados.

Algumas datas comemorativas foram o bastante para que os dois entendessem que seus laços não iriam além da obrigação familiar e, com o tempo, sempre havia uma desculpa para que Nicolas ficasse no internato. A ausência de qualquer demonstração de carinho ou preocupação fez com que o garoto aceitasse que jamais cairia nas graças do pai, então recuou e descobriu que não se importava em ficar sozinho.

Com o passar dos anos, aprendera a gostar da solidão e a usava para colocar os estudos em dia. Especialmente a matemática. Nicolas adorava ver como os números batiam com perfeição na folha de papel. Era como se o mundo fosse uma equação e tudo o que ele precisava fazer era somar o necessário e subtrair o dispensável. Parecia simples.

E, em sua cabeça, era. A vida *era* simples, ainda que solitária na maioria das vezes.

Também não sentia falta do amor materno, já que nem mesmo sabia o que aquilo significava, ainda que tivesse uma pequena noção pelo que via da relação da Marquesa de Valença com os próprios filhos. Porém, quando se tratava de sua própria mãe, ele jamais saberia se ela o amaria como Dona Lilian amava sua prole.

Provavelmente não. Talvez sua mãe também o tivesse mandado para o internato apenas por ser filho de quem era. Ouvira histórias da criadagem sobre ela não ter gostado muito de seu pai. Então, por que gostaria dele, um fruto do homem que a tratara com tamanha frieza?

Mesmo com uma infância que, aos olhos de muitos, parecia depressiva, Nicolas acreditava realmente que era um rapaz de sorte. Afinal, crescera junto de outros garotos tão energéticos quanto ele, filhos de duques, marqueses e viscondes. E, ao atingir a maioridade, todos começaram a viver como homens, como seres da noite, aproveitando a vida da forma que bem entendiam.

Não precisava fingir que sua família era perfeita ou que se interessava pelas jovens damas da sociedade que só sabiam piscar e falar sobre lenços. Ele poderia ser quem quisesse, fazer o que bem entendesse. Sem rédeas, sem amarras, sem precisar se reportar a alguém.

E, assim, sua rotina sem nenhuma discrição ou decência caiu na boca do povo. Os boatos de suas aventuras percorreram a cidade. Desde as noites que passava nos clubes para homens gastando o dinheiro da família até as madrugadas em claro ao lado de uma companhia feminina, às vezes duas. As histórias deixavam a sociedade perplexa. E curiosa.

Especialmente curiosa.

Principalmente as jovens que ouviam rumores sobre a beleza do futuro conde, com seus cabelos pretos fartos e olhos como as mais preciosas pedras ônix, nos quais milhares de mistérios se escondiam. Uma promessa de libertação, luxúria e perigo pairava naquelas íris escuras. Nada que faria bem a qualquer uma delas, claro. Não se elas quisessem manter a virtude e respeitabilidade intactas.

Ele era como o demônio, belo e sedutor, pronto para arruinar qualquer dama com apenas um olhar e meia dúzia de palavras. Ou ao menos era o que diziam.

Todas queriam distância dele, embora sonhassem com o dia em que finalmente o veriam após tantos anos afastado e comprovariam com os próprios olhos se os boatos eram verdadeiros.

Mal sabiam elas que isso aconteceria mais breve do que o esperado.

Pois, quando Nicolas recebeu a carta do criado informando o falecimento do pai naquele sábado de manhã, soube que estava na hora de voltar para casa e cuidar dos negócios da família.

Por mais tedioso que aquilo parecesse, por mais irritante que fosse voltar àquela casa odiosa, de onde nunca guardara qualquer lembrança feliz, não era como se tivesse outra opção.

Afinal, agora *ele* era o Conde de Valença.

7

— Preciso mesmo ir ao baile, mamãe? — Helena perguntou, sentando-se na poltrona adamascada da sala de estar. As janelas altas estavam abertas, e o ar de fora deixava o ambiente fresco, com o cheiro das rosas do jardim que lhe inundava os sentidos.

Os cachos louros de sua mãe se movimentavam levemente sob a brisa que invadia o recinto, e os olhos azuis, rodeados por pequenas rugas, encararam-na por sobre a xícara de porcelana que segurava com as mãos delgadas. Sentada no sofá florido ao lado, Antônia Müller, em seu vestido de um tecido pesado e marrom, não escondeu a expressão impaciente ao ouvir o pedido da filha.

— Não tenho nenhuma pretensão de entrar neste assunto de novo — respondeu, bebericando mais um gole do líquido fumegante. — É o baile de Dona Lilian e você vai, ainda que eu precise amarrá-la à carruagem.

Helena bufou com a ameaça da mãe, porém foi logo repreendida com um olhar capaz de congelar o coração mais quente.

— Quantas vezes precisarei pedir para que não faça isso na presença de outras pessoas? — perguntou, irritada.

— Desculpe — a filha respondeu após um suspiro, passeando os olhos pelos quadros nas paredes apenas para não encarar os da mãe enquanto proferia a palavra. Remexeu-se, desconfortável, com o silêncio que pairou no ambiente e não conseguiu controlar a língua quando resmungou: — Esses bailes são sempre a mesma coisa. Tediosos, não tem nada para fazer além fingir sorrisos para desconhecidos.

Antônia pousou a xícara no pires em cima da mesa de mogno e fitou a filha, um sorriso ardiloso surgindo em seus lábios finos.

— Talvez, se você fosse capaz de manter a boca fechada por tempo o suficiente, alguns cavalheiros não se importariam de a convidar para uma dança.

A jovem soltou uma lufada de ar, sabendo que aquela batalha estava perdida. Conhecia bem a mãe para saber que ela não mudaria de ideia.

— Como se eu quisesse dançar com qualquer um deles... — Helena resmungou, puxando com as pontas dos dedos um fio solto do sofá de estampa florida que dava vida ao cômodo de paredes amareladas.

— Modos, menina! Eu não a criei para ser desleixada dessa forma — Antônia ralhou, soltando o ar pela boca de uma maneira nem um pouco feminina. — Você deveria agir mais como sua irmã, uma perfeita dama que sabe como se portar além de ter diversos atributos invejáveis.

— Não sou Maria Luísa.

Na verdade, sou o oposto, Helena pensou.

Maria Luísa era considerada a jovem mais bela desde que completara a maioridade e entrara para o mercado casamenteiro, principalmente por conta dos olhos grandes e amendoados e dos cachos louros claros e sedosos. Alguns diziam que sua beleza poderia ser comparada a de um anjo.

Por isso não fora nenhuma surpresa quando a jovem completara dezoito anos e recebera três propostas de casamento em poucas semanas. Todas rejeitadas pelo patriarca Müller, para o alívio de Helena.

Afinal, uma menina tão nova com certeza não queria se casar com um homem próximo dos cinquenta anos, ainda que fosse um marquês.

Não que sua mãe pensasse da mesma forma. Se fosse um duque de setenta anos, ela provavelmente daria a mão da filha com um sorriso no rosto apenas por conta do título nobre.

Sua irmã era considerada o melhor partido da cidade. Bordava, pintava e tocava piano com perfeição. A postura sempre ereta e seu andar de uma delicadeza incomparável. Helena, por outro lado, não podia ser considerada um exemplo de dama da sociedade, mas se considerava bonita com os cabelos cor de mel e os olhos de um azul acinzentado profundo. Além de ser inteligente — tão inteligente que espantara todos os homens ao seu redor quando debutara dois anos antes.

Os pretendentes, pelo visto, preferiam as mulheres sem opiniões. E todos sabiam: opinião era o que não faltava em Helena Müller.

— Pois deveria — a mãe retrucou. — Você é tão bonita quanto sua irmã e poderia fazer um ótimo casamento se não fosse tão teimosa. Seu pai a mimou demais.

— Ele só deseja minha felicidade, mamãe. Não o culpe por isso.

A matriarca encarou a filha com certo pesar. Seu semblante triste pareceu deixá-la anos mais velha, e a garota se arrependeu no mesmo instante do que dissera. Afinal, amava a mãe mais do que tudo, apesar de suas opiniões divergentes.

— Sua felicidade é tudo o que eu também desejo, meu amor, mas de acordo com as nossas possibilidades. Estimular que você sonhe com o impossível é o mesmo que te dar apenas uma asa. Sem o par, você nunca poderá voar para onde quiser. Sou sua mãe e devo orientá-la em suas obrigações e responsabilidades, ainda que você me veja como uma vilã. Mas não se engane, querida, tudo o que quero é o seu bem.

— Eu sei que sim — murmurou, sentindo-se culpada.

Helena sabia o quanto sua mãe a amava e se preocupava com seu bem-estar.

Ela havia contratado as melhores professoras de etiqueta da cidade para as filhas quando mais novas, com o intuito de que fossem o exemplo de delicadeza, decoro e compostura. Abrira mão de muitas coisas para que pudesse dar um ensino digno para as duas. Ainda assim, lá estava ela, com a atitude desafiadora, resmungona e afiada de sempre. Mas era apenas quem ela era. Sua essência nua e crua.

— Seu pai não deveria ter deixado a biblioteca ao seu dispor quando criança, muito menos tê-la levado para suas consultas — Antônia disse após um longo suspiro. Os olhos fitavam as portas duplas do outro lado do cômodo, o chá já frio em suas mãos. — Acabou colocando coisas na sua cabeça que não fazem parte da nossa realidade.

Helena sentiu uma enorme vontade de retrucar. Ouvia aquela mesma frase desde que se entendia por gente. Realmente, amava ler desde pequena, e seu pai, o médico da cidade, sempre se mostrara um homem muito carinhoso

e compreensível, deixando-a livre para se jogar nas páginas de livros que a sociedade não achava próprios para as mulheres. Muito menos para meninas.

Chegara a aprender sobre medicina com o patriarca, que algumas vezes a levava em suas visitas residenciais e mostrava como era feita a administração de remédios. Isso a fizera sonhar por muitos anos em poder seguir uma carreira como ele, ainda que não passasse apenas de um sonho bobo, como sua mãe adorava lembrá-la.

Afinal, ninguém permitiria que uma mulher se envolvesse de alguma forma com a medicina. Ou com qualquer outro trabalho, na verdade. A simples ideia era quase absurda. As jovens eram treinadas para serem esposas exemplares e boas mães.

Nada mais, nada menos.

Então, seu sonho de aprender sobre os medicamentos e a cura se tornara improvável. Mas não impossível, ela teimava em recordar.

— E qual é a nossa realidade, mamãe? — perguntou por fim, ainda que já soubesse a resposta.

— A nossa realidade é que você precisa aprender que jamais se recusa o convite a um baile, especialmente se for de uma marquesa. Por respeito ao falecimento do antigo Conde de Valença, ela adiou o evento por duas semanas e não podemos desperdiçar a chance de sua irmã encontrar um bom pretendente. Quem sabe um barão ou até um visconde.

A mãe, Helena percebeu, tinha uma premissa de sorriso salpicando os lábios. Seus olhos que, por conta da descendência alemã, eram de um azul nublado como os dela, agora pareciam brilhar com o pensamento.

— Pelo menos parece que você desistiu de encontrar um marido para *mim*. Até que o dia não está de todo ruim — Helena comentou mais para si mesma do que para a mãe.

Antônia, porém, ouviu o comentário e, com uma expressão travessa, comentou:

— Oh, querida. Uma mãe de verdade jamais perde as esperanças para com o seu rebanho, mas a conheço há vinte anos e sei muito bem como você funciona. Não fará nada que eu disser, apenas o que quiser. Contanto que não traga nenhuma vergonha para a família nem prejudique sua irmã, posso deixar que viva um pouco acreditando que é dona do próprio nariz.

— Eu sou dona do meu próprio nariz, mamãe — Helena resmungou, perplexa, antes de pescar com certa fúria um dos biscoitos amanteigados que acompanhava o jogo de chá na mesa baixa à sua frente.

— Claro que é, querida. Claro que é — falou em tom condescendente, afagando o joelho da filha por cima do vestido rosado de musseline.

Helena mordeu o biscoito com mais força do que gostaria.

— Do que vocês estão falando? — Maria Luísa perguntou ao entrar na sala, atraindo os dois pares de olhos. — Oh, biscoitos!

— De como você vai se casar com um visconde ou um barão, provavelmente depois do baile de hoje à noite. Vamos torcer para que ele não tenha cabelos brancos — Helena respondeu em provocação e não pôde deixar de perceber o sorriso sem graça da irmã mais nova antes de levar à boca o resto do biscoito que tinha em mãos.

— Claro que eu não deixaria minha filha se casar com um homem com idade para ser seu pai! — Antônia disse, levando a mão ao peito, demonstrando que se sentira insultada.

Helena deu de ombros, servindo-se de uma xícara de chá, ainda que já estivesse morno dentro do bule.

— Vocês acordaram espirituosas hoje — Maria Luísa comentou com uma risada baixinha, acomodando-se ao lado da mãe e ajustando seu vestido verde-claro nas laterais.

— E você, Malu? — Helena perguntou. — Acordou animada para o baile de hoje?

— Sim — respondeu, sincera. — Não vejo a hora de estrear meu vestido novo da madame Dufour e dançar um pouco.

— Tenho certeza de que terá inúmeros convites para dançar hoje à noite, querida — a mãe disse, carinhosa, abrindo um pequeno sorriso para a mais nova. — Só não desperdice mais de uma dança com Maurício. Sei que ele é filho de nossos vizinhos e vocês são amigos desde crianças, mas não queremos que outros cavalheiros tenham a ideia errada, não é mesmo?

Antônia arqueou uma sobrancelha sábia e voltou a tomar seu chá.

— Claro, mamãe. Não queremos.

Mas Helena percebeu que o tom da irmã não era apenas condescendente. Talvez algo como tristeza. Ela não soube identificar.

Sabia que Maurício nutria sentimentos por Malu, mas nunca chegara a perguntar à irmã se era recíproco. Maria Luísa sempre fora a filha perfeita, um exemplo de decência e recato. Seria uma grande esposa e ótima mãe, com certeza. Porém, desde que ambos começaram a participar dos eventos sociais, era comum vê-los dançando pelos bailes e conversando por um longo período de tempo. Mais até do que era considerado respeitável. Quem via de fora poderia facilmente pensar que eram dois jovens apaixonados, mas Helena e Maria Luísa não tinham dúvidas sobre a opinião da mãe quanto àquela proximidade.

Não que a família de Maurício não fosse digna. Ela era. Seu pai era um comerciante respeitável, mas Antônia não considerava o jovem apropriado para a própria filha. Helena conhecia a mãe que tinha. Uma boa mulher, claro, mas se preocupava demais com as aparências e acreditava fielmente que a caçula deveria ser esposada por um homem de grande prestígio social.

Quem poderia criticá-la? Não é normal uma mãe desejar o melhor para os filhos? Desejar que Maria Luísa fosse uma baronesa, viscondessa ou quem sabe até duquesa não era nada além do que uma prova de amor materno. Pois é isso que os pais fazem. Eles cuidam, amam e torcem pelo futuro de suas crias. Por isso, para Helena, era natural que Antônia fizesse o mesmo, ainda que a jovem acreditasse na existência de coisas muito mais importantes do que dinheiro e um título acompanhando o nome.

O que a caçula pensava disso, ela não saberia dizer. Malu sempre fora uma menina fechada, acatando as ordens da família e do decoro como se houvesse nascido para isso e nada mais. Ela sorria para todos, era gentil e atraía muitos olhares por sua beleza estonteante, graça e inocência. Era o motivo de orgulho da família, especialmente da mãe, enquanto Helena era taxada como uma futura solteirona. Isso, claro, se os pais não a enviassem para o convento antes.

Nada com que Maria Luísa precisasse se preocupar.

Helena havia perdido as contas de quantos cavalheiros perderam o fôlego ao ver sua irmã no último baile, e naquela noite não seria diferente.

— Já está na hora de começarmos a nos arrumar — a matriarca avisou, levantando-se e passando as mãos em seu vestido levemente amarrotado pelo tempo sentada.

Helena se levantou da poltrona em um pulo para ficar de frente para a mãe.

— Mas eu preciso mesmo... — tentou dizer, mas foi interrompida imediatamente.

— Sim, Helena, você *precisa* ir. E esta conversa está oficialmente terminada. — Um vinco na testa da matriarca não dava qualquer brecha para discussão.

— Será divertido, Lena. — Malu soou amável, pegando a mão da irmã entre as suas, os olhos levemente arregalados como um pedido mudo para que ela não a deixasse ir sozinha com a mãe.

A primogênita assentiu, vendo que não tinha outra opção. Não poderia negar nada àquele olhar de abandono da caçula. Teria que ir ao baile, não havia escapatória.

Ela só não poderia imaginar que aquela noite mudaria todo o rumo de sua vida.